



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO UM FATOR DETERMINANTE PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO

Fabiana Paschoal (a) - a
a

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO UM FATOR DETERMINANTE PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO.

Palavras chaves: Violência contra a mulher. Impactos na saúde. Gênero. Patriarcado. Sofrimento Psíquico.

Keywords: Violence against women. Health Impacts. Genre. Patriarchate. Psychic Suffering.

1 - INTRODUÇÃO

Neste resumo expandido, traremos resultados parciais da pesquisa bibliográfica e empírica realizada em 2019 com as mulheres atendidas na porta de entrada da unidade pelo Serviço Social no Ambulatório de Saúde Mental do município de Rio das Ostras – RJ. Pretendemos evidenciar os determinantes do sofrimento psíquico relacionado às estruturas patriarcais da sociedade capitalista, especificamente na formação sócio-histórica brasileira, para que possamos demarcar os indicadores sociais relacionados à vivência da desigualdade de gênero, evidenciados no cotidiano profissional. Isto é, nosso propósito é afirmar o quanto às opressões de gênero refletem sobre a vida das mulheres na cena contemporânea, através de diversas formas de adoecimento que se impõem através das demandas à Política de Saúde Mental brasileira. Demarcamos a relação do Serviço Social no enfrentamento desta realidade, bem como, a afirmação da diversidade conquistada através dos Movimentos Feministas e das produções teóricas sobre questões de gênero. Destarte, que a transição para o capitalismo foi extremamente importante para a teoria feminista, pois tivemos uma nova divisão sexual do trabalho, com a redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas, onde a mulher deveria ser cada vez mais submissa aos homens.

2 - DESENVOLVIMENTO:

Partimos do princípio de que o sofrimento psíquico da mulher está diretamente interligado às estruturas sócio-econômicas da sociedade burguesa. Isto é, possui determinantes históricos que se expressam em uma série de desigualdades sociais que perpassam a vivência feminina. Com a consolidação do capitalismo, os papéis sociais de gênero centrados em funções distintas atribuídas a homens e mulheres, passam a ser imprescindíveis para a organização social. Se partirmos da elaboração de Engels (1884), por exemplo, a família se constitui enquanto uma instituição econômica, na qual o homem cumpre um papel imprescindível na produção do Capital, ao mesmo tempo em que a mulher é responsável pela sua reprodução. Determinadas atribuições e funções sociais são construídas sob

grande funcionalidade ao sistema de exploração, e sob a lógica da hierarquização dos gêneros estabelece outra espécie de dominação: o patriarcado, isto é, o poder que o gênero masculino exerce sobre o gênero feminino. É importante frisar que o patriarcado é resultado de um processo histórico, no qual ele qualifica as relações sociais de sexo. Assim, quando usamos patriarcado, impreterivelmente nos reportamos às relações de opressão e dominação masculinas sobre as mulheres. (CISNE, 2014) Ressalta-se que o poder majoritário do patriarcado nas relações sociais, faz com que, mesmo na ausência do homem, ele se efetive, à medida que as mulheres o incorporam e utilizam entre si ou na educação dos filhos. Devido ao patriarcado *“funcionar como um sistema regido pelo medo e embebido de ideologia, concretizado em uma sociedade permeada por relações de alienação”*. (CISNE, 2014, p. 79) Em nossa pesquisa, utilizamos o conceito de violência de gênero, que consiste em um campo teórico-metodológico instituído com o movimento feminista brasileiro e internacional, desde o início da década de 70, para facilitar o entendimento acerca das desigualdades sociais e econômicas entre homens. No cenário atual, de acordo com Bueno (2019) na 2ª edição da pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, disponibilizada em fevereiro de 2019, no tocante a percepção da população: 59% da população afirmam ter visto uma mulher sendo agredida fisicamente ou verbalmente no último ano; 43 % dos brasileiros viram homens abordando mulheres na rua de forma desrespeitosa, mexendo, passando cantadas, dizendo ofensas; 37% viram homens humilhando, xingando ou ameaçando namoradas ou ex-namoradas, mulheres ou ex-mulheres, companheiras ou ex-companheiras e 28% viram mulheres que residem na sua vizinhança, sendo agredidas por maridos, companheiros, namorados ou ex-namorados. Em relação à vitimização: 536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora no último ano (4,7 milhões de mulheres); 27,4% (16 milhões de mulheres) das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência nos últimos meses; 21,8 % (12,5 milhões de mulheres) foram vítimas de ofensa verbal, como insulto, humilhação ou xingamento; 8,9% (4,6 milhões de mulheres) foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais – 9 por minuto); 3,9 % (1,7 milhões) foram ameaçadas com faca ou arma de fogo e 3,6 % (1,6 milhão) sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento (3 por minuto). Assim, os diversos tipos de violência se expressam em nossa sociedade através de atitudes ligadas ao machismo, sexismo ou qualquer outro tipo de discriminação relacionada ao gênero e da sexualidade. Um grave indicativo social no qual se acende o alerta é o aumento significativo do número de feminicídios. É importante afirmar que os gêneros não são naturais, são construções históricas acerca dos corpos que determinam papéis sociais aos sujeitos a partir de suas genitálias. Em nossa sociedade, segundo Piscitelli (2009), as opressões que repercutem na vida cotidiana das mulheres são usualmente justificadas por meio da naturalização de papéis sociais desiguais. Ou seja, a pessoa do gênero feminino

tem por “dever” cumprir com êxito as atribuições que lhes são conferidas socialmente. O que possibilita afirmarmos que, “ser mulher” na sociedade burguesa significa precisamente cumprir claras funções sociais que empobrecem e violentam suas trajetórias de vida. A divisão sexual do trabalho, por exemplo, é um dos aspectos centrais para a exploração do Capital, uma vez que o sistema capitalista se alimenta das opressões de gênero para perpetuar sua dinâmica de dominação. (CISNE, 2015) De acordo com Barroso & Bruschini (1981) no que se refere à inserção da mulher na divisão sexual do trabalho e a relação com o sofrimento psíquico, é preciso compreender que a pessoa do gênero feminino acumula uma dupla responsabilidade ao assumir o cuidado da casa e dos filhos juntamente ao sustento material de seus dependentes. O que faz com que essa dupla jornada de trabalho lhe proporcione uma dupla carga de culpa devido as suas “insuficiências” ao não obter êxito em alguma dessas atividades. Logo, é nesse campo contraditório em que o sofrimento psíquico da mulher se expressa. Observa-se que elementos como: a intensa desigualdade social e as questões étnico-raciais que demarcam nossa historicidade associados às estruturas desiguais de gênero, são fatores contribuintes para o adoecimento da mulher brasileira. Medeiros (2010) cita como principais repercussões na saúde mental: alterações do apetite, ansiedade, concentração e atenção reduzidas, diminuição da autoestima, diminuição da autoconfiança, fadiga, humor deprimido, insônia, medo, pânico, perda de interesse e prazer, queixas somáticas e sofrimento psíquico. Para Minayo, a violência é “*um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia.*” (MINAYO, 2006, p.14).

3 - RESULTADOS

Entrevistamos nove mulheres, e utilizamos para tanto um questionário sócio demográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. No tocante as situações de violência vivenciadas, os quantitativos foram: abuso sexual na infância e/ou adolescência - 7 mulheres, violência física - 8 mulheres, violência sexual - 4 mulheres, violência psicológica - 9 mulheres, violência patrimonial - 4 mulheres, violência moral - 7 mulheres, assédio moral - 3 mulheres, dificuldades para estabelecer relações afetivas e sociais. Em relação às contribuições para o sofrimento psíquico, as categorias foram: baixa autoestima, tentativas de suicídio, tristeza, culpa, insônia. Nota-se que o tipo de violência comum a todas foi a violência psicológica, sendo esta a mais sutil de todas, pois é ela que antecede as outras ocorrências de violências, podendo começar com críticas, brincadeiras para ridicularizar a mulher, apelidos,

humilhação, e em alguns casos, as mulheres demoram a identificar que estão sendo vítimas desta violência.

4 - CONCLUSÃO

Buscamos conhecer os territórios existenciais, no qual ocorreram às situações de violência, quais foram as conexões possíveis naqueles momentos. Diante disso, constatamos que todas as entrevistadas possuíam uma rede de existência empobrecida, com mínimos vínculos, o que em alguns casos, colaborou para a dependência emocional em relação ao agressor. Ao falarem a respeito, notamos os impactos das situações de violência na potência de vida para estabelecer novas relações, pois devido a terem vivido relacionamentos abusivos, terminaram estabelecendo dependência emocional, e muitas se isolaram de seus familiares e amigos. Todas as nossas entrevistadas relataram que após os episódios de violência sofridos, passaram a ter dificuldades para estabelecer relações sociais e afetivas. Pois tem medo de envolvimento afetivo com outros homens, e quando conseguem tem muita dificuldade para ter relações sexuais. Salientamos que é preciso muito investimento em políticas públicas, em pesquisas e discussões para que a sociedade possa refletir e dialogar sobre o tema violência contra as mulheres, acerca do respeito a todos os seres humanos, para que assim se desconstrua a ideia de posse, de dominação masculina, pois somos seres livres, logo, não pertencemos a nenhum outro ser humano.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Maria Cristina A. Sofridas e mal pagas. **Cad. Pesquisa**, n. 7, 1981.

ENGELS, Frederic. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Alemanha. 1884.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: **Berlendis & Vertecchia**, p. 118-146, 2009.

SANTOS, Fabiana Paschoal. **As vozes silenciadas: mulheres vítimas de violência de gênero e sofrimento psíquico no município de Rio das Ostras – RJ**. 2019. 137f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

